

Fantasma entrememórias e seus enclausuramentos em A Maldição da Mansão Bly¹

Andrey Lehnemann (UFSC)²
Fabio de Carvalho Messa (UFPR)³

Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O trabalho consiste em identificar fantasmas como repetidores de ações, com suas lembranças aprisionadas, no imaginário da ficção literária e cinematográfica, a partir da obra de Henry James, *The Turn of the Screw*, e suas adaptações - o longa-metragem *Os Inocentes* (1961) e a recente ficção seriada *A Maldição da Mansão Bly* (2020). Neste percurso, comentamos algumas cenas, tomando por base o que Jean Baudrillard considera ilusão fundamental. Evidenciamos nessas narrativas o espectro como o não-físico, tal qual o pesquisador francês propõe em obras como *A Transparência do Mal*. Constatamos, com isso, a relação insinuante entre o espaço e seus fantasmas, seus personagens e seus respectivos enclausuramentos.

PALAVRAS-CHAVE

Fantasma; Memória; Aparição; Maldição; Thriller.

Ao observar a figura sem rosto de um dos muitos replicadores, na narrativa *A Maldição da Mansão Bly* (2020), uma personagem descreve a história dos muitos fantasmas que habitam a casa na qual vivem os órfãos Flora e Miles, além da governanta e os outros personagens que completam a releitura seriada da obra de Henry James, *The Turn of the Screw*. Nas palavras da personagem: “com o tempo, eles esqueciam de suas próprias fisionomias e, assim, elas eram perdidas”. É o motivo pelo qual os chamamos de

1. Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual – 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

2. Mestrando do PPG Literatura UFSC, email: andreylehnemann@gmail.com

3. Professor associado II do Curso de Linguagem e Comunicação da UFPR Litoral, email: fabiomessa@ufpr.br

replicadores – são personagens, afinal, repetidores de ações, lembranças aprisionadas ou, melhor, espectros autônomos.

Em *A Transparência do Mal*, Baudrillard (1996) estabelece que nada mais desaparece por completo, nem pelo fim nem pela morte, e que o que fica é a simulação do aparente, a dispersão da informação ou, no caso de Bly, a memória referente. Para Baudrillard (1996), o próprio corpo se tornou um não-corpo, ele é apenas uma forma de comunicação, uma aparência para algo que o transcende. “Como já não é possível achar argumento na própria existência, só resta fazer ato de aparência” (BAUDRILLARD, 1996, p.30).

Naqueles personagens, as próprias memórias se sobrepõem aos seus rostos. A fascinante aparência dos fantasmas corrobora a volta do parafuso com o corpo sendo reconfigurado para dentro – não sendo mais exposto para fora, mas para sua figura interna. Eles buscam apenas suas lembranças, memórias boas, e delas que se consomem e são consumidos, numa aparente felicidade que nunca cessa.

Na narrativa visual, em Bly, a história que nos é contada replica os corpos como interfaces, recipientes para a comunicação do passado. Os fantasmas de Bly só se projetam como formas àqueles aos quais ainda possuem alguma afetação, cujas fisionomias ainda representam algo. Os antigos, aqueles que permanecem enclausurados na propriedade sem sabermos o tempo ao qual pertencem, estes já não possuem mais rostos visíveis ou mesmo importância. Foram reconfigurados a viver o loop de suas existências – vida e morte – sem que possam agir sobre quais memórias se adereçar. É o maior medo de Peter Quint e Srta. Jessel, o motivo pelo qual ambos passam a se comunicar com as crianças.

De algum modo, embora a adaptação seja criativamente livre, o livro de Henry James transmite o mesmo pensamento do tempo e da aparência. Na obra literária, ao avistar o personagem de Peter Quint pela primeira vez, a governanta estremece diante do desconhecido, durante a luz do dia, ao caminhar pelos arredores da casa que passou a habitar. Alguém surge no caminho, diante dela, sorrindo. “Não pedia eu mais do que isso – pedia apenas que esse alguém soubesse; e a única maneira de eu ter certeza de que ele sabia seria vê-lo, bem como a luz suave dessa consciência em seu belo rosto. Ele estava presente pra mim com exatidão – refiro-me ao rosto (...)” (JAMES, 2011, p.32).

Adiante, a governanta observa a manifestação da presença da Srta. Jessel, do outro lado do rio: “havia um corpo estranho à vista – uma figura cujo direito de estar ali questionei de imediato, veementemente. (...) então novamente levantei a vista – encarei o que era preciso encarar.” (JAMES, 2011, p. 55-56). Curiosamente, a manifestação da antiga governanta gera uma aflição e incômodo ainda maior na protagonista de *A Volta do Parafuso* – como se a intrusa quisesse tomar o seu lugar como o sujeito da história que vivia naquele momento. James também raciocina logo depois que a protagonista está inquieta pelo fato de perceber que Flora também via a manifestação e que, por consequência, a imagem era real.

A *au pair* de *A Maldição da Mansão Bly* (2020), Dani, é a viajante clássica enunciada por Michel Onfray, em *Teoria da Viagem* (2015) – não pode e não quer permanecer parada. Seu desejo é seguir em frente, ainda que seja uma fuga. Seguir, afinal, não seria fugir ou não ficar estático, ou inerte? A jovem estadunidense da trama foge de seu noivo sem saber que irá ao encontro da morte como um todo – aí, a volta do parafuso. Enquanto a narradora de *A Volta do Parafuso* (2011), de Henry James, narra sua peregrinação num livro que será lido mais tarde por um terceiro. A narrativa visual de *Bly* não conta com uma única protagonista, tampouco com a visão afetada de uma viajante maliciosa como a de James. O livro nos choca porque a relação de Miles com sua governante é não-natural. É maliciosa e quase incestuosa – mais pedófila. A criança choca a governanta por seus ares adultos. Sua nada inocente compreensão que é um homem e que pode agir como um. Sem a sua juventude aparentemente eterna que cerca crianças como Miles e Flora. Peter Quint é o catalisador de Miles, aquele que evidencia todo o mundo deturpado e vulgar do adulto homem.

No mundo visual de *Bly*, a história se divide em capítulos e estabelece cada um deles com uma direção e um norte: a mansão, as crianças, ecos do passado, perdas e culpa, o altar dos mortos, cantos secretos, roupas e joias e a fera na selva. Todos se interligam, no entanto, numa adaptação mais livre da obra literária. O *showrunner* Mike Flanagan evita entrar na malícia pedófila do texto e da relação da governanta com Miles, algo mais presente em *Os Inocentes* (1963), de Jack Clayton.

A Maldição da Mansão Bly (2020) não se restringe a uma mente ou se liga a um único emissário. Difere – e muito – do que Jack Clayton pretendia expor na obra-prima *Os Inocentes*, no qual a mulher interpretada por Deborah Kerr é contratada para ser a

governanta de uma mansão isolada da cidade e cuidar de duas crianças órfãs. No filme, Clayton propõe: e se em vez de mansões mal assombradas com teias de aranhas, tijolos desgastados e um velho aristocrata nós tivéssemos um palácio que impressionasse a protagonista até, finalmente, a oprimir? O primeiro plano do filme traz a personagem rezando pelas “suas” crianças, após uma cantiga de ninar assombrosa ser tocada. Essa cantiga de ninar se torna um referencial ao decorrer do longa. Na série, ela aparece também sendo assoviada por Miles e Flora, além da pequena caixa de música. Todos dançam conforme a música que sai da caixa, aprisionados a cantar a mesma coisa, quem sabe. Numa das sequências do filme, Miss Giddens, que nada tem a ver com a Dani Clayton de Bly, gira pela casa, mas em vez de música só ouvimos vozes atormentadas. Em outra cena, a pequena Flora dança numa casa no jardim, ao passo que o espírito de Miss Jessel a observa de longe.

A câmera de Clayton espreita pelos corredores o caminhar da protagonista, na calada da noite. Em uma das belas sequências da obra, a silhueta da moça é a única coisa da casa que ainda tem luz. Ela segura um candelabro. O som do vento segue junto dela. Ela para e vem o silêncio. O castelo fica mais sombrio. Mais cedo, no filme, as risadas das crianças norteiam Giddens. Mais tarde, há gritos das mesmas crianças. Flora mostra para a governanta no segundo ato do filme uma “linda aranha comendo uma borboleta”. Para a criança, o predador a fascina. Clayton, o diretor, não repreende o comportamento das crianças tanto quanto alerta para o comportamento de Giddens. Pelo contrário, ele parece as proteger, ainda que se sinta incomodado pelo mundo na qual elas estão.

O mundo que essas crianças estão na nova adaptação da obra, em *A Maldição de Bly* (2020) é logicamente outro, embora os diretores desses capítulos também se sintam melancólicos quanto as memórias de morte e perversão que cercam os jovens. De igual maneira, a governanta de *Os Inocentes* nada tem da série de Bly. Aquela cultivava um relacionamento simbolicamente perverso com o menino mais novo, malicioso, como a história que conta; enquanto a segunda, a da série, estabelece um contato amistoso e nada sórdido. O choque da série do streaming é a história homoafetiva de Dani Clayton. As histórias dos personagens se constroem na base da relação com os ecos do passado de cada um e como eles retornam ao seu presente e futuro.

Os fantasmas de Bly vivem em excesso, na ilusão, entrememórias. São personagens entrememoriais e vivem entremundos. O corpo de Dani e os protagonistas

vivos se abrem à experiência mediúnica, registram e armazenam o difuso e o diverso. Seguem a cartilha de Onfray (2015) sobre viagem, ainda que sejam jornadas profundas e metafísicas. Os espectros de Bly fundamentam o que é dito “entre a ausência de vestígio e seu excesso, a fixação dos instantes fortes e raros transforma o tempo longo do acontecimento num tempo curto e denso (...) produz emoções breves e tempo concentrado no qual se comprima o máximo de emoções experimentadas pelo corpo” (ONFRAY, 2015, p. 53). A mansão Bly faz com que todos se tornem reféns dessas memórias da ida ao local e mantenham eles presos em loop. Dani, no entanto, exprime a viajante ideal. Vai, registra, prova comportamentos, complementa-se, deixa suas emoções à flor da pele e segue em frente.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A Transparência do Mal*. SP:Papirus, 1996.
JAMES, Henry. *A Volta do Parafuso*. SP: Penguin Companhia, 2011.
ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem*. 2015